

LIMITAÇÕES DE INSTRUMENTO DE PESQUISA APLICADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA VOLTADO À SAÚDE

Lilian Ferreira Rodrigues Brait¹

Resumo: Toda pesquisa requer uma metodologia específica para seu desenvolvimento e necessita de instrumentos de coleta de dados que possibilitarão melhores resultados de acordo com a especificidade de cada estudo. A utilização de questionários é muito comum em diversos estudos direcionados a todas as áreas, e nesse artigo, que é um recorte da pesquisa de doutorado, que se encontra em fase de análise de dados, apresentamos algumas limitações no uso de questionários relacionados à saúde, aplicados no ambiente escolar com crianças entre oito e dez anos de idade e seus respectivos pais ou responsáveis. Dessa forma, o presente estudo reúne informações de diferentes autores sobre o uso do questionário como técnica de coleta de dados em pesquisa científica, apontando o que vem a ser questionário e distinguindo informações como: tipos, vantagens, desvantagens, validade, confiabilidade e distribuição do questionário. Nesta pesquisa, foram aplicados questionários para os pais e para crianças, sendo que os pais responderam sobre a qualidade de vida no que se refere à Saúde Pediátrica (PedsQL), totalizando 356 questionários e as crianças responderam quatro modelos de questionários: Questionário Internacional de Atividade Física para a Criança (PAQ-C), Escala de Stress Infantil (ESI), Escala Infantil de Imagem Corporal (CBIS), e o PedsQL, totalizando 1424 questionários aplicados aos escolares. Expomos também, como se deu o processo de coleta de dados dessa pesquisa, demonstrando assim, que o fato de aplicar uma ferramenta para coleta de dados pode propiciar novos subsídios e novos aspectos para serem pesquisados posteriormente. Nas dezenove escolas que visitamos aplicando os questionários, percebemos que muitas crianças tiveram dificuldade de leitura e interpretação, prejudicando a compreensão das questões apresentadas nos questionários aplicados pela pesquisadora.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa, educação básica; saúde.

1 Introdução

Este trabalho reúne informações de diferentes autores sobre o questionário como técnica de coleta de dados em pesquisa científica. Inicialmente procuramos conceituar questionário, utilizando as abordagens teóricas de Gil (2008), Kauark, Manhães e Medeiros (2010) e Marchesan e Ramos (2012). As informações em torno dos tipos, vantagens, desvantagens e elaboração de questionários foram sustentadas pelos aportes teóricos apontados por Gil (2008), Nogueira (2003) e Vieira (2009). Por último, nas discussões sobre a

¹ Mestre em Educação. Docente dos cursos de Educação Física da Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí (UFG/REJ). Aluna do programa de pós-graduação (doutorado) do programa de Ciências da Saúde, da Faculdade de Medicina da UFG. E-mail: lilianfbrait@gmail.com. Financiamento: PRPG/PROAD/PRODIRH/UFG.

validade, confiabilidade e distribuição do questionário, além de Gil (2008) e Vieira (2009), utilizou-se os dados teóricos apontados por Hulley et al (2003).

Segundo Gil (2008), podemos conceituar questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de perguntas que são submetidas a indivíduos com o desígnio de conseguir informações sobre valores, aspirações, temores, conhecimentos, interesses, expectativas, comportamento passado ou presente, crenças, sentimentos, etc.

O autor expõe ainda que os questionários, comumente, são sugeridos por escrito aos respondentes. Nesse caso, é costume designá-los como questionários auto aplicados. Caso as perguntas sejam formuladas oralmente pelo pesquisador, o questionário passa a ter características de entrevista ou formulário.

O questionário é um instrumento ou programa de coleta de dados. A composição é feita pelo pesquisador; o preenchimento é realizado pelo informante. A linguagem empregada deve ser simples e direta para que o inquirido compreenda com clareza o que está sendo perguntado (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Marchesan e Ramos (2012) apontam ainda que os questionários são ferramentas desenvolvidas para medir atributos importantes de sujeitos e para angariar dados que não estão prontamente disponíveis ou que não podem ser conseguidos pela observação.

Ainda de acordo com os autores citados, o questionário é comumente respondido sem a presença do pesquisador e, isso, leva a crer que o sujeito tenha ciência e motivação para concluí-lo sozinho. Com o intuito de garantir a resposta e devolução do questionário pelo sujeito, é necessário que o formato e o conteúdo sejam sedutores o suficiente para que os respondentes realmente completem e o devolvam ao pesquisador. Contudo, é exatamente essa uma das dificuldades da aplicação de questionários: a perda de domínio do pesquisador, pois torna-se difícil saber se o sujeito pediu ajuda de terceiros, se respondeu na sequência indicada, entre outros fatores.

Gil (2008) expõe também que elaborar um questionário incide essencialmente em exprimir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a esses pontos é que proporcionarão os dados solicitados para delinear as características da população examinada ou avaliar as conjecturas que foram levantadas durante a idealização da pesquisa. Assim, a constituição de um questionário necessita ser distinguida como um método cuja preparação demanda uma série de cuidados, tais como: verificação de sua eficácia para averiguação dos objetivos; deliberação da forma e do teor das questões; quantidade e ordenação das perguntas; constituição das opções; apresentação e pré-teste do questionário.

O questionário é extremamente valioso aos pesquisadores e para facilitar a sua adequação aos estudos desenvolvidos, é possível classificá-lo de acordo com o tipo de perguntas, que compreende três classes: abertas, onde o sujeito pode responder com suas próprias palavras; fechadas, quando o pesquisador antecipa as respostas fixando alternativas; e duplas, quando agrupa perguntas abertas e fechadas (GIL, 2008).

Esta, assim como as demais técnicas de coleta de dados, apresenta vantagens e desvantagens na sua utilização em pesquisas. Dentre as principais vantagens do questionário podemos destacar a possibilidade desta técnica em atingir grande número de pessoas, mesmo geograficamente distantes, ter menor custo, facilidade na operacionalização, na sistematização e análise dos dados. Por outro lado, os autores estudados apresentam inúmeras desvantagens na utilização do questionário, como a impossibilidade de ser respondido por pessoas que não sabem ler, o não conhecimento das circunstâncias em que foi respondido e de não ter a garantia de devolução ou de cumprimento integral das questões. É possível também que haja superficialidade nas respostas quando estas forem de perguntas abertas (GIL, 2008; VIEIRA, 2009; MARCHESAN, RAMOS, 2012).

Os questionários podem ser avaliados por sua validade e por sua reprodutibilidade da mesma forma que qualquer outro tipo de medição. A pré testagem se mostra um elemento de validação na medida em que permite um refinamento, a medição do tempo necessário, e o teste de entendimento e compreensão das questões por parte dos respondentes. O pré-teste de um questionário tem por objetivo assegurar-lhe validade e precisão, deve verificar se está bem elaborado, de acordo com os seguintes itens: clareza e precisão dos termos; forma, desmembramento e ordem das questões; introdução do questionário (GIL, 2008).

A validade de um questionário pode ser entendida como a evidência de que o questionário mede o que propõe medir. Dessa forma, um dos procedimentos de validação, descrito por Hulley et al (2003), propõe comparar as respostas de dois grupos diferentes de respondentes que aparentem ter diferentes níveis do fenômeno de interesse; questões mais válidas tendem a produzir diferenças maiores entre os dois grupos. Caso o instrumento tenha por objetivo medir uma mudança, sua capacidade de detectá-la pode ser testada aplicando-se o instrumento antes e depois de os sujeitos receberem um tratamento eficaz ou aplicando-o a participantes dos ensaios clínicos randomizados de intervenções consideradas eficazes por outras medidas de desfecho.

Quanto à confiabilidade, segundo Vieira (2009), dizemos que um questionário tem credibilidade se os escores conferidos às declarações que medem a mesma dimensão têm consistência. A confiabilidade é medida, estatisticamente, por coeficientes de correlação, que

variam de 0,0 (sem correlação) a 1,0 (correlação perfeita). Vieira (2009) demonstra alguns métodos para se estimar a confiabilidade de questionários:

- método de teste e reteste: o questionário é aplicado duas vezes para o mesmo grupo de pessoas e depois calcula-se o índice de correlação entre as respostas. O método teste-reteste fornece uma medida de estabilidade, isto é, da extensão com que as pessoas respondem as mesmas perguntas da mesma forma, depois de certo tempo;
- método da divisão em metades (*split half*): divide-se o questionário em duas partes iguais (metade inferior e superior; itens pares e itens ímpares, etc.), calcula-se então a correlação entre o somatório obtido na aplicação da primeira metade com o somatório obtido na aplicação da segunda metade. O coeficiente de correlação, neste caso, é o índice de confiabilidade;
- método de Kuder-Richardson: este método leva o método da divisão em metades muito mais longe, porque mede a confiabilidade calculando a média de todas as correlações obtidas quando se divide o questionário em metades, de todas as formas possíveis;
- método Alfa de Cronbach: calcula uma média de todas as correlações que se obtêm quando o questionário é dividido em todas as metades possíveis. Esta é uma medida de consistência interna e é, definitivamente, a mais utilizada.

Quanto aos métodos de aplicação dos questionários, existem muitos. Segundo Hulley et al (2003), eles podem ser aplicados aos sujeitos pessoalmente, enviados pelo correio, enviados por e-mail ou por meio de enquetes, hospedados em sites na internet. A distribuição dos questionários pessoalmente permite que o pesquisador explique as instruções antes que os sujeitos comecem a responder as questões. Quando o estudo exige que o participante se dirija ao local da pesquisa para exames, os questionários podem ser enviados previamente à visita e todas as respostas devem ser verificadas por pessoal responsável antes que o participante se retire.

Hulley et al (2003) apontam que os diários ou calendários são formas especiais de auto aplicação e podem ser usados para o acompanhamento de eventos, comportamentos ou sintomas que ocorrem esporadicamente, ou que variam dia a dia. Eles podem ser de grande valia quando o tempo ou a duração de um evento é importante ou quando uma ocorrência é de fácil esquecimento. Contudo, essa abordagem pode consumir muito tempo dos participantes, podendo levar a uma perda de dados maior do que com o uso de questões retrospectivas.

Os questionários eletrônicos apresentam inúmeras vantagens. Quando enviados por e-mail permitem que os respondentes emitam respostas imediatas, pois os dados eletrônicos são

mais fáceis de compilar e entram diretamente na base de dados. Questionários enviados pelo correio atingem uma parcela maior da população, porém são mais improváveis de retornarem. Pessoas com pouca instrução ou de alfabetização limitada são menos propensas a responder questionários (HULLEY et al, 2003).

Dessa forma, após melhor compreendermos essa ferramenta de instrumento de coleta de dados que é o questionário, é possível dar andamento aos estudos, optando ou não por sua utilização, procurando a melhor forma possível para conseguir adquirir as informações pretendidas com a pesquisa, e a melhor maneira de fazer com que haja um retorno desse instrumento, preenchido, para posterior análise.

2 Objetivos

Geral:

- analisar as limitações do uso de questionários da área da saúde, aplicados a escolares da educação básica e seus respectivos pais/responsáveis, em um município do Sudoeste Goiano.

Específicos:

- verificar as limitações de escolares de oito a dez anos, de um município do sudoeste goiano, para responderem questionários da área da saúde;
- constatar os obstáculos referentes ao envio de questionários a pais de alunos/responsáveis de escolas públicas municipais de uma cidade do sudoeste goiano.

3 Metodologia

Este artigo relata parte de uma pesquisa desenvolvida, em nível de doutorado. Trata-se de um estudo epidemiológico transversal. A epidemiologia é a ciência que estuda quantitativamente a distribuição dos fenômenos de saúde/doença, e seus fatores condicionantes e determinantes, nas populações humanas. Segundo Bonita, Beaglehole e Kjellström (2010), é o estudo que mede a prevalência da doença e, por essa razão, são frequentemente chamados de estudos de prevalência, em que os dados obtidos por meio destas pesquisas são úteis para avaliar as necessidades em saúde da população. Então, esse tipo de estudo mostra o “retrato” da situação. É a determinação simultânea do fator de interesse e do desfecho em investigação numa população bem definida em um determinado momento.

O local de investigação foi dezenove escolas da rede municipal de ensino de Jataí-GO, que atende atualmente a educação infantil e o ensino fundamental. As modalidades oferecidas

são: educação de jovens e adultos, educação especial e educação rural. Nesta pesquisa, o nível de ensino investigado foi o ensino fundamental, por ser a etapa da educação básica que tem maior número de alunos.

Os participantes da pesquisa foram sorteados, e ao final, foi totalizado 356 escolares de ambos os sexos, frequentadores do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental das escolas urbanas do município de Jataí-GO, que estão na faixa etária de oito a dez anos.

A coleta de dados ocorreu de fevereiro a junho de 2015, e foram utilizados quatro questionários: Questionário Internacional de Atividade Física para criança (PAQ-C), Questionário de Qualidade de Vida Relacionada à Saúde Pediátrica, "*Pediatric Quality of Life Inventory*" (PedsQL) (para pais/responsáveis e para as crianças), Escala de Estresse Infantil (ESI) e Escala Infantil de Imagem Corporal (CBIS). Todos os questionários foram validados no Brasil e todos possuem bom coeficiente Alfa de Cronbach.

O Questionário sobre Atividade Física Regular para crianças – PAQ-C avalia o nível de Atividade Física intensa e moderada em determinado período. Esse instrumento foi idealizado por Crocker et al (1997), e traduzido, adaptado e validado no Brasil por Silva e Malina (2000). Trata-se de uma ficha composta de treze questões sobre a prática de esportes e jogos na escola e no tempo de lazer.

O Questionário para avaliar a Qualidade de Vida Relacionada à Saúde Pediátrica – PedsQL foi desenvolvido para ser uma abordagem modular para a avaliação da qualidade de vida relacionada a saúde pediátrica, associando a importância referente à abordagem genérica e de doenças específicas (POETA; DUARTE; GIULIANO, 2010). Inclui auto avaliação para crianças e adolescentes entre cinco e dezoito anos e questionários para os pais de crianças e adolescentes entre dois e dezoito anos. Compreende 23 itens divididos em quatro domínios: físico, emocional, social e escolar.

A Escala de Estresse Infantil – ESI, desenvolvido por Lipp e Lucarelli, é empregada na avaliação do estresse das crianças. É um instrumento brasileiro, validado para a faixa etária de seis a quatorze anos, é de fácil aplicação e permite diagnosticar se a criança apresenta um quadro sintomatológico de estresse (LIPP et al, 2002). É composta por 35 afirmações relacionadas a quatro dimensões do stress infantil: física, psicológica, psicológica com componente depressivo e psicofisiológica (LEMES et al, 2003).

A Escala Infantil de Imagem Corporal (Children's Body Image Scale - CBIS) é uma ferramenta criada por Truby e Paxton (2002) para avaliar percepção e insatisfação corporal em crianças de sete a doze anos. Consiste em dois conjuntos de sete fotografias, um masculino e um feminino, com cada fotografia apresentando um IMC diferente. Na primeira

página (CBIS1) se pergunta: que menino(a) tem o corpo mais parecido ao seu? Na segunda página (CBIS2) se pergunta: que menino(a) tem o corpo que você gostaria de ter? (PINHEIRO; JIMÉNEZ, 2010).

Todos esses questionários foram aplicados aos estudantes durante o período de aula, dentro da escola, com autorização dos pais/responsáveis e da direção e coordenação das escolas envolvidas.

Para facilitar o conjunto de alunos por escola, dividimos os colégios em três estratos: escolas pequenas (até 100 alunos), médias (de 101 a 215 alunos) e grandes (mais de 215 alunos). Então, tivemos a seguinte distribuição: três escolas grandes, dez médias e seis pequenas, totalizando 19 colégios. O número de sujeitos foi calculado a partir do total de 3.091 crianças entre oito e dez anos de idade, que se encontravam matriculados do terceiro ao quinto ano do ensino fundamental. Dessa forma, para determinar o tamanho mínimo da amostra para o cálculo da proporção de uma população, utilizamos o nível de confiança desejado de 95%, erro máximo desejável foi 5 e o desvio padrão da população foi de 95. Assim, para uma população de 3.091 alunos, a amostra foi de 328 crianças, e prevendo a possibilidade de perda nesse total, optamos por acrescentar 20% dessa população o que resultou em uma amostra de 411 escolares. No entanto, após finalizarmos a coleta de dados, obtivemos um total de 356 sujeitos.

Após o cálculo do número de escolares necessário para pesquisa, fizemos o cálculo da amostra estratificada e o sorteio foi realizado pelo programa BioEstat 5.0. Então, após recolher toda listagem dos alunos de terceiro a quinto ano, de todas as escolas, utilizamos o programa Excel para enumerar todas as crianças e depois utilizar os números sorteados no programa BioEstat para identificar os escolares sorteados para fazer parte de nossa amostra.

Em seguida, visitamos cada escola e enviamos, por meio dos alunos sorteados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os pais nos concedessem a autorização para a criança participar do estudo, e já encaminhamos junto, o questionário PedsQL para que os pais/responsáveis respondessem. Em outro momento, com a autorização em mãos, retornamos às escolas e aplicamos os quatro questionários às crianças. Esse momento foi combinado previamente com a direção, coordenação e com os professores na tentativa de minimizar o prejuízo da criança ao ter que se ausentar da sala de aula para responder os questionários, que levou em torna de meia hora, mais ou menos, por sujeito. Além de responder os questionários as crianças tiveram seu peso e altura aferidos pela pesquisadora, para posterior cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC).

Entendemos que a utilização dos questionários em pesquisas no meio escolar nos parece fundamental para compreender, não de forma dedutiva, mas de forma crítica reflexiva, o estudo da atividade humana na sua manifestação mais imediata.

Segundo André (2010), o valor do estudo no ambiente escolar proporciona um período de solidificação de uma série de hipóteses subjacentes à prática pedagógica, ao mesmo tempo em que é o momento e o lugar da experiência de socialização que envolve todos os professores, coordenadores, diretores, funcionários, alunos e por que não dizer, os pais das crianças.

Uma pesquisa, seja ela em qualquer área, relacionada à escola e à educação de crianças, poderá proporcionar novas possibilidades para buscarmos ampliar a qualidade da educação e o melhor desenvolvimento dos infantes. No caso de nossa pesquisa, buscamos compreender como anda a saúde dos escolares para posteriormente entrarmos com ações que possibilitem a melhoria da qualidade de vida desses infantes.

4 Resultados e discussão

Os questionários foram aplicados pessoalmente pela pesquisadora e sua equipe de trabalho às crianças sorteadas. Nesse sentido, segundo Gil (2008), o questionário adotou a qualidade de entrevista, ou, de acordo com Nogueira (2003), assumiu a característica de questionário assistido, pois permite ao pesquisador acompanhar e ordenar diretamente as indagações aos sujeitos, entretanto, o autor afirma que esse procedimento pode induzir os respondentes a expressarem-se de acordo com evidências do pesquisador, ao invés de suas próprias. Buscamos não provocar esse tipo de indução, uma vez que apenas fazíamos a leitura da pergunta, de forma que a criança conseguisse entender a questão.

Para os pais/responsáveis os questionários foram enviados junto com a carta de autorização para participação das crianças no estudo. Nesse caso, segundo Nogueira (2003), o questionário se caracterizou como não assistido, o que, por um lado, suprime a probabilidade de contágio por parte de um aplicador, mas por outro lado, o questionário pode não ser respondido ou respondido por pessoas não adequadas. E isso foi exatamente o que aconteceu, a maioria dos questionários retornou em branco, e os poucos que foram respondidos, percebíamos que foram respondidos por outras pessoas, muitas vezes pelos filhos, sujeitos da pesquisa.

No total, foram aplicados 1424 questionários para os escolares e foram enviados 356 para os pais e/ou responsáveis das crianças sorteadas. Essa diferença se deu pelo fato de que as crianças responderam quatro questionários, enquanto os pais/responsáveis responderam

exclusivamente o PedsQL, que trata sobre a qualidade de vida da criança na visão dos pais. Esse questionário foi aplicado tanto para os pais como para as crianças, na tentativa de fazer uma equiparação das respostas posteriormente. No entanto, isso não será possível, uma vez que a grande maioria dos pais não respondeu ao questionário, uns por não terem compreendido as questões, outros por não terem mesmo o interesse em responder, e outros, verificamos que colocaram os próprios filhos para preencher. Nesse sentido, muito provavelmente esses questionários respondidos pelos pais serão descartados da pesquisa.

Das dezenove escolas que visitamos aplicando os questionários que subsidiarão a tese de doutorado, percebemos que muitos escolares tiveram dificuldade de compreensão das questões apresentadas nos questionários, alguns apresentaram mais limitações e outros menos. Na grande maioria, as crianças que se encontram no terceiro ano do ensino fundamental, foram as que apresentaram maior dificuldade para responder as questões. No entanto, também verificamos esses mesmos problemas em alguns garotos(a) que já se encontram no quinto ano. As limitações apresentadas são relacionadas a leitura e interpretação, pois muitas ainda não sabem ler, e outras que já conseguem decodificar, não conseguem interpretar/entender o que estão lendo.

Verificamos também que os escolares se sentem muito inseguros em responder algumas perguntas, levando um tempo maior para pensar naquilo que irá responder. Em muitos momentos tivemos que repetir a mesma questão inúmeras vezes para uma melhor compreensão. Isso nos permitiu perceber que mesmo a criança já sabendo ler e escrever, ela ainda tem dificuldade de interpretar e compreender aquilo que está lendo.

Outra observação realizada, é que muitas vezes essas limitações foram apresentadas mais por crianças de escolas centrais do que por crianças de escolas periféricas. Não saberíamos explicar o motivo dessa constatação, o que nos deixa uma possibilidade de um novo estudo para tentar compreender esse fenômeno observado por nossa equipe.

Verificamos, ainda, que às vezes, em algumas escolas, crianças de terceiro ano conseguiam compreender melhor as questões dos questionários, do que crianças de quinto ano. Isso também merece ser pesquisado para melhor compreensão do elemento constatado.

O fato de os questionários não terem sido construídos pela pesquisadora, e sim por se tratar de algo pronto, comum nos estudos da área da saúde, pode ter prejudicado o andamento da pesquisa, uma vez que são temas que muitas vezes fogem da realidade da criança, por inúmeras questões: culturais, sociais, educacionais, entre outras.

De acordo com André (2010), o estudo do dia-a-dia da escola se apresenta como ponto essencial para se compreender como a escola exerce o seu papel socializador, seja na difusão

dos conteúdos acadêmicos, seja na veiculação de valores e crenças que surgem nas ações, interações, nos costumes e nas relações sociais que distinguem o cotidiano da experiência escolar.

Esse processo de socialização, no entanto, não é tão determinístico ou mecanicista como se poderia imaginar. Da mesma maneira como a realidade social se configura contraditória, expressando no seu cotidiano uma correlação de forças entre classes sociais, a escola, como constitutiva dessa práxis, vê refletidas no seu dia a dia todas essas e outras contradições sociais (ANDRÉ, 2010, p.43).

Compreendemos, baseando-nos na visão de André (2010), que é apreendendo o movimento que configura a dinâmica de barganhas, de afinidades entre os sujeitos, que se pode melhor conceber a participação da escola no processo de socialização dos sujeitos que são, ao mesmo tempo, determinados e determinantes.

Assim, quando o indivíduo se coloca na dinâmica de criação e recriação do mundo, todo este procedimento se concretiza no cotidiano. Isso é o que nos permite compreender as limitações apresentadas pelos escolares, por seus pais/responsáveis e até mesmo pelas escolas.

5 Considerações finais

O ambiente escolar nos propicia infinitas fontes de estudo e pesquisa, é um lugar que a todo instante podemos verificar novos problemas, novas questões de estudo, em diversas áreas: psicologia, antropologia, sociologia, educação, saúde, entre outros. Isso se dá pelo fato de a escola ser uma fonte inesgotável de busca pelo saber, e também porque todos que atuam na educação de forma geral, estão sempre em busca de melhorias, sedentos pela ampliação e progresso da qualidade da educação.

A práxis escolar sofre as determinações da práxis social mais ampla através das pressões e das forças advindas da política educacional, das diretrizes curriculares vindas de cima para baixo, das exigências dos pais, as quais interferem na dinâmica escolar e se confrontam com todo o movimento social do interior da instituição. A escola resulta, portanto, desse embate de diversas forças sociais (ANDRÉ, 2010, p.44).

Ainda segundo André (2010), a escolha pela escola como local de pesquisa não sugere aproximar-se apenas em função de suas relações internas. Pelo contrário, trata-se de analisá-la como parte de um conjunto igualitário que de certa maneira a motiva e com a qual ela mantém determinadas formas de relacionamento.

Dessa forma, ao verificamos a existência de limitações ao aplicar um instrumento de pesquisa para escolares entre oito e dez anos, percebemos que ainda há muito o que se fazer e

o que se busca para ampliar a qualidade da educação. Com dedicação e esforço, buscando compreender toda a realidade escolar e social da criança, percebendo a necessidade e importância do espaço escolar, compreendemos a relevância de se ter mais estudos nesse ambiente de grandes possibilidades para novos conhecimentos e aprendizagens sobre a realidade escolar.

Referências:

ANDRÉ, M. E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani et al (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 40-50.

BONITA, R; BEAGLEHOLE, R; KJELLSTRÖM, T. *Epidemiologia básica*. Tradução e revisão científica: Juraci A. César. 2 ed. São Paulo: Santos, 2010.

CROCKER, P. R. et al. Measuring general levels of physical activity: preliminary evidence for the Physical Activity Questionnaire for Older Children. *Medicine and Science in Sports and Exercise*. v. 29, p. 1344-1349, 1997.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HULLEY S. B. et al. *Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KAUARK, F; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LIPP, M. E. N. et al. O estresse em escolares. *Revista de Psicologia escolar e educacional*. Campinas, v. 6, n.1, p.51-56, 2002. Disponível em: www.scielo.br/pdf/pee/v6n1/v6n1a06.pdf Acesso em: 22 out. 2014.

MARCHESAN, M. T. N. e RAMOS, A. G. Check list para a elaboração e análise de questionários em pesquisas de crenças. *Domínios de lingu@gem revista eletrônica de linguística*, v.6, n.1, set. 2012.

NOGUEIRA, R. *Elaboração e análise de questionários: uma revisão da literatura básica e a aplicação dos conceitos a um caso real*. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2003.

PINHEIRO, N; JIMÉNEZ, M. Percepção e insatisfação corporal: um estudo em crianças brasileiras. *Revista Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 4, p. 510-516, out./dez. 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Lilian/Downloads/7358-29244-1-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Lilian/Downloads/7358-29244-1-PB%20(5).pdf). Acesso em: 1 mar. 2015.

POETA, L. S; DUARTE, M. de F. da S; GIULIANO, I. de C. B. Qualidade de vida relacionada à saúde de crianças obesas. *Rev. Assoc. Med. Bras.* v. 56, n. 2, p. 168-172, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ramb/v56n2/a14v56n2.pdf>. Acesso em 03 fev. 2014.

SILVA, R. C. R.; MALINA, R. M. Nível de atividade física em adolescentes do município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro. 2000. Out-dez. 16 (4): 1091-1097. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v16n4/3612>. Acesso em: 05 jan. 2013.

VIEIRA, S. *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas, 2009.

TRUBY H; PAXTON SJ. The Children's Body Image Scale: reliability and use with international standards for body mass index. *Br J Clin Psychol.* v. 47, n.1, p. 119-124, mar. 2008.